

A
ESSÊNCIA
DO MAL

A
ESSÊNCIA
DO MAL

L U C A D ' A N D R E A

TRADUÇÃO DE PAULO HENRIQUE PAPPEN
E KARINE SIMONI



Copyright © 2016 Luca D'Andrea
Esta edição foi publicada mediante acordo com Piergiorgio
Nicolazzini Literary Agency (PNLA).

TÍTULO ORIGINAL
La Sostanza del Male

PREPARAÇÃO
Milena Vargas

REVISÃO
Raphani Margiotta
Beatriz D'Oliveira

CAPA
Guilherme Xavier

IMAGEM DE CAPA
Mika Mika/Getty Images

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
D176e

D'Andrea, Luca
A essência do mal / Luca D'Andrea ; tradução Paulo Henrique Pappen,
Karine Simoni. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
368 p. ; 23 cm.

Tradução de: La sostanza del male
ISBN 978-85-510-0261-2

1. Ficção italiana. I. Pappen, Paulo Henrique. II. Simoni, Karine. III. Título.

18-47261

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Alessandra,
bússola para meus mares tempestuosos*

É sempre assim. No gelo, primeiro se ouve a voz da Besta, depois se morre.

Blocos de gelo e abismos idênticos àquele em que eu me encontrava estavam cheios de alpinistas e escaladores que tinham perdido as forças, a razão e por fim a vida por culpa daquela voz.

Parte da minha mente, a parte animal que conhecia o terror — porque no terror vivera por milhões de anos — compreendia o que a Besta estava sibilando.

Oito letras:

—Vá embora.

Eu não estava preparado para a voz da Besta.

Eu precisava de alguma coisa familiar, humana, que me arrancasse da solidão do gelo. Ergui os olhos para além das beiras da fenda, lá em cima, em busca da silhueta vermelha do EC 135 do Socorro Alpino das Dolomitas. Mas o céu estava vazio. Um raio rasgando a terra, de um azul cegante.

Foi o que me fez desabar.

Comecei a balançar para a frente e para trás, a respiração acelerada, o sangue esvaziado de qualquer energia. Como Jonas no ventre da baleia, eu me via sozinho diante de Deus.

E Deus rosnava:

—Vá embora.

Às 14h19 daquele maldito 15 de setembro, emergiu do frio intenso uma voz que não era a da Besta. Era Manny, o uniforme vermelho destacando-se de todo aquele branco. Repetia o meu nome, de novo e de novo, enquanto o guindaste o descia devagar na minha direção.

Cinco metros.

Dois.

Suas mãos e seus olhos buscavam feridas que explicassem meu comportamento. Suas perguntas: centenas de o quês e mil por quês aos quais eu não podia responder. A voz da Besta era forte demais. Estava me devorando.

—Você não está escutando? — murmurei. — A Besta, a...

A Besta, eu queria lhe explicar, aquele gelo tão antigo, considerava intolerável a ideia de um coração quente sepultado nas suas profundezas. O meu coração quente. E também o dele.

E então eram 14h22.

A expressão de surpresa de Manny se transformou em puro terror. O cabo do guindaste o ergueu como uma marionete. Manny foi puxado para cima. O ronco das turbinas do helicóptero se transformou em um grito sufocado.

Finalmente.

O grito de Deus. A avalanche que aniquila o céu.

Vá embora!

Foi nesse momento que vi. Quando fiquei sozinho, além do tempo e do espaço, eu vi.

A escuridão.

A escuridão total. Mas não morri. Ah, não. A Besta se divertiu comigo. Deixou-me viver. A Besta que agora sussurrava:

—Você vai ficar comigo para sempre, para sempre...

Não estava mentindo.

Parte de mim ainda está lá.

Mas, como minha filha Clara diria sorrindo, aquilo não era o z no fim do arco-íris. Não era o fim da minha história. Pelo contrário.

Aquilo foi apenas o início.

Seis letras: “Início.” Seis letras: “A Besta.”

Exatamente como: “Horror.”

(WE ARE) THE ROAD CREW

I.

Na vida, como na arte, só uma coisa importa: os fatos. Para conhecer os fatos, aqueles que dizem respeito a Evi, Kurt e Markus e a noite de 28 de abril de 1985, é essencial que você saiba tudo por mim. Porque não foi apenas o ano de 1985 e o massacre do Bletterbach. Não foram apenas Evi, Kurt e Markus, foram também Salinger, Annelise e Clara.

Está tudo interligado.

2.

Até as 14h22 do dia 15 de setembro de 2013, isto é, até o momento em que a Besta por pouco não me matou, eu vinha sendo considerado a metade de um astro em ascensão no campo dos documentários, que, mais do que estrelas, tende a produzir minúsculos meteoros e flatulências devastadoras.

Mike McMellan, a outra metade do astro em questão, gostava de dizer que, mesmo que fôssemos estrelas cadentes em rota de colisão com o planeta chamado Falência Total, teríamos o privilégio de desaparecer no esplendor

reservado aos heróis. Depois da terceira cerveja eu declarava estar de acordo com ele. Na pior das hipóteses, era uma ótima desculpa para um brinde.

Mike não era apenas um sócio. Era também o melhor amigo que alguém já teve a sorte de encontrar. Ele era irritante, metido, mais egocêntrico do que um buraco negro, obsessivo em níveis insustentáveis e dotado da mesma capacidade de se concentrar em um único tema que um canário sob o efeito de anfetamina. Mas era também o único artista de verdade que eu já tinha conhecido.

Foi Mike, quando não éramos mais do que a dupla de poucos talentos menos cool de toda a New York Film Academy (curso de Direção para Mike, Roteiro para mim), que compreendeu que, se seguíssemos nossas ambições hollywoodianas, terminaríamos no olho da rua, amargurados e falastrões como o maldito professor “Podem me chamar de Jerry” Calhoun, o ex-hippie que, mais do que todo mundo, se comprazia em detonar nossas primeiras e tímidas criações.

Foi de fato um momento mágico. Uma iluminação que modificaria o curso da nossa vida. Talvez um pouco menos épico do que um filme de Sam Peckinpah (“Vamos morrer”, dizia William Holden em *Meu ódio será tua herança*, e Ernest Borgnine lhe respondia: “Por que não?”), visto que aconteceu enquanto petiscávamos batatinhas fritas em um McDonald’s, com o moral debaixo da sola dos sapatos e uma expressão de gado sendo conduzido ao longo do glorioso bulevar do reino do hambúrguer, mas ainda assim um momento único. Acredite.

— Foda-se Hollywood, Salinger — disse Mike. — As pessoas estão desesperadas por realidade, não por computação gráfica. A única maneira que a gente tem de superar esse *Zeitgeist* de merda é deixar a ficção para lá e nos dedicarmos à boa e velha realidade. É cem por cento garantido.

— *Zeitgeist*? — perguntei, erguendo uma sobrancelha.

— O boche é você, parceiro.

Minha mãe era de origem alemã, mas não havia com que me preocupar; eu estava há anos-luz de me sentir discriminado por Mike. Além do mais, eu tinha crescido no Brooklyn, e ele, no Meio-Oeste da puta que pariu.

Considerações genealógicas à parte, o que Mike queria dizer naquele úmido novembro de tantos anos atrás era que eu devia jogar fora os meus (péssimos) roteiros e, junto com ele, começar a filmar documentários. Transformar instantes dilatados em uma narrativa que transcorresse lisa do ponto *a*

ao ponto z, segundo o evangelho do falecido Vladimir Jakovlevič Propp (que estava para as histórias como Jim Morrison para a paranoia).

Um verdadeiro engano.

— Mike... — Bufei. — Só existe uma categoria de pessoas piores do que quem sonha com o sucesso no cinema: os documentaristas. Eles colecionam revistas *National Geographic* publicadas em 1800. A maioria tem antepassados que morreram procurando a nascente do Nilo. Eles têm tatuagens e usam lenços de caxemira no pescoço. Ou seja: são uns idiotas, mas idiotas liberais, e por isso se sentem absolvidos de todos os pecados. Por último, mas não menos importante: eles têm famílias cheias de dinheiro que bancam os safáris que fazem pelo mundo.

— Salinger, às vezes você é muito, muito... — Mike balançou a cabeça. — Deixa para lá, me escute. Precisamos de um tema. Um tema forte para um documentário, que desperte o interesse do público. Algo que as pessoas já conheçam, familiar, mas que nós dois vamos mostrar de um jeito novo, diferente de como já se viu. Force o cérebro, pense e...

Acredite ou não, foi naquele momento que meus neurônios chegaram a um acordo e descobriram que podiam transformar em carruagem dourada até a mais bizarra das abóboras. Porque... sim. Eu tinha uma ideia.

Não sei como nem por quê, mas, enquanto Mike me encarava com aquela carranca de serial killer, enquanto me vinham à mente um milhão de motivos para refutar aquela proposta, senti um verdadeiro *clique* em meu cérebro. Uma ideia absurda. Doida. Incandescente. Uma ideia tão idiota que era capaz de funcionar incrivelmente bem.

O que havia de mais eletrizante, poderoso e sexy do que o rock'n'roll?

Era como uma religião para milhões de pessoas. Uma explosão de energia que aproximava as gerações. Não havia alma no planeta que nunca tivesse ouvido falar de Elvis, de Hendrix, dos Rolling Stones, do Nirvana, do Metallica e de toda a constelação resplandecente da única e verdadeira revolução do século XX.

Fácil, não?

Não.

Porque o rock também significava fisiculturistas grandes e fortes vestidos com roupas escuras, parecidos com armários de duas portas com olhar de pitbull, pagos para enxotar espertinhos como nós. Coisa que fariam com prazer até de graça.

A primeira vez que tentamos colocar em prática nossa ideia (Bruce Springsteen em noite de aquecimento antes da turnê, em uma casa noturna perto do Village), escapei com uns empurrões e um par de hematomas. Para Mike foi pior. Metade do rosto dele parecia a bandeira escocesa. A cereja do bolo foi que por pouco não nos processaram. Depois de Springsteen, fomos ao show dos White Stripes, de Michael Stipe, dos Red Hot Chili Peppers, de Neil Young e dos Black Eyed Peas, que na época estavam no auge da carreira.

Colecionamos uma bela quantidade de contusões e bem pouco material. A tentação de desistir era grande.

Foi naquele momento que o deus do rock olhou na nossa direção, viu os nossos esforços patéticos de homenageá-lo e, com olhar benévolo, nos mostrou o caminho para o sucesso.

3.

Na metade de abril, consegui um contrato duplo para a preparação de um palco no Battery Park. Não era para um grupo qualquer, mas para a mais controversa, diabólica e afrontosa banda de todos os tempos. Senhoras e senhores: Kiss.

Trabalhamos como formiguinhas obedientes, e depois, enquanto os operários iam embora, nos escondemos em um monte de lixo. Silenciosos como atiradores. Quando chegaram os primeiros carrões escuros, Mike apertou a tecla REC. Estávamos no sétimo céu. Era a nossa grande chance. E, naturalmente, tudo aconteceu muito rápido.

Gene Simmons saltou de uma limusine comprida como um transatlântico, espreguiçou-se e deu ordem aos empregados para que soltassem a coileira do seu adorado amigo de quatro patas. No instante em que se libertou, o cândido e horrendo poodle, com uma expressão diabólica, começou a latir na nossa direção como um dos cães de caça infernais imortalizados por Robert Johnson (*“And the day keeps on reminding me, there’s a hellhound on my trail. Hellhound on my trail, hellhound on my trail”*). Em dois pulos, o vira-lata estava em cima de mim. Mirava a jugular, o desgraçado. A bola de pelos queria me matar.

Gritei.

E cerca de doze mil energúmenos que certamente estariam no Hall da Fama dos degoladores nos agarraram, chutaram, bateram e nos arrastaram

para a saída, com a intenção — rosaram — de nos jogar como refeição para as criaturas do oceano. Não o fizeram. Deixaram-nos pisoteados, abatidos e cansados sobre um banquinho rodeado por pedaços de papel, para refletir sobre nossa condição de Wile E. Coyote. Ficamos ali, incapazes de aceitar a derrota, ouvindo o eco do show que já terminava. Passado o bis, acompanhamos com o olhar a saída da multidão. Justo quando estávamos prestes a voltar para casa, uns caras enormes com barbas de motoqueiros da Hell's Angels e jeitão de presidiário começaram a encher os caminhões Peterbilt com caixas e amplificadores da banda. Naquele preciso instante, o deus do rock ressurgiu de Valhalla e me indicou o caminho.

— Mike — murmurei. — A gente errou em tudo. Se quisermos fazer um documentário sobre o rock, sobre o verdadeiro rock, temos que apontar a câmera para o outro lado do palco. Para o outro lado, sócio. Aqueles caras são o verdadeiro rock. E — acrescentei, abrindo um largo sorriso — não existe copyright sobre eles.

Aqueles caras.

Os *roadies*. Que fazem o trabalho sujo. Que carregam todo o peso, cruzam o país sobre quatro rodas, descarregam, montam o palco, preparam o equipamento, esperam o show terminar de braços cruzados e, de novo, como diz a poesia de Robert Frost: “Milhas a percorrer antes de dormir.”

Ah, sim.

Preciso admitir, Mike foi *incrível*. Como argumento de persuasão, usou promessas de dinheiro e publicidade gratuita para convencer o entediado gerente da turnê a nos deixar fazer algumas filmagens. Os *roadies*, nada habituados a tanta atenção, colocaram-nos debaixo de suas asas protetoras. E mais: foram os barbudos que convenceram produtores e advogados a permitir que os acompanhássemos (a eles, não à banda — e foi esse o trunfo que os persuadiu de verdade) durante toda a turnê.

Foi assim que surgiu *O suor por trás dos palcos: Road Crew, o lado obscuro do rock'n'roll*.

Trabalhamos como escravos, acredite. Seis semanas de loucura, enxaquecas, ressacas de cansaço e suor, no fim das quais tínhamos destruído duas câmeras, colecionado diversas intoxicações alimentares, uma torção no tornozelo (eu tinha subido no teto de um trailer que se revelou quebradiço como um biscoitinho amanteigado — estava sóbrio, juro) e aprendido umas dez maneiras diferentes de pronunciar a expressão vai se foder.

A montagem do filme durou um verão de quarenta graus sem ar-condicionado, que passamos curvados diante de um monitor que estava quase fundindo. Nos primeiros dias de setembro de 2003 (ano mágico, se já existiu algum), não apenas tínhamos terminado o documentário, mas estávamos satisfeitos com o resultado. Mostramos o material a um produtor chamado Smith, que, de má vontade, nos concedera cinco minutos. Cinco. Você pode acreditar? Bastaram três.

— Um *factual* — sentenciou Mister Smith, sumo imperador do canal. — Doze episódios. Vinte e cinco minutos cada um. Quero para o começo de novembro. Rola?

Sorrisos e apertos de mão. No fim, um ônibus fedorento nos levou de volta para casa. Atordoados e um pouco transtornados, procuramos na Wikipédia que diabo era um *factual*. A resposta era: uma mistura de série de TV com documentário. Em outras palavras, tínhamos menos de dois meses para reeditar tudo desde o início e criar o nosso *factual*. Impossível?

Não brinca.

No dia 1º de dezembro daquele ano, *Road Crew* foi ao ar. E foi um sucesso.

De repente todo mundo estava falando sobre nós. O professor Calhoun quis tirar uma foto enquanto nos entregava o que parecia ser alguma bizarrice de Dalí, mas na verdade era um prêmio que nos distinguiu como estudantes eméritos. Sublinho: eméritos. Os blogs falavam de *Road Crew*, a imprensa falava de *Road Crew*. A MTV fez um programa especial apresentado por Ozzy Osbourne que, para grande desgosto de Mike, não comeu sequer um morcego.

Mas nem tudo foi um mar de rosas.

Maddie Grady, da *New Yorker*, nos deixou em pedaços com um machado nada afiado. Um artigo de cinco mil palavras com o qual eu me torturei por meses. Segundo a revista *GQ* éramos misóginos. Segundo a *Life*, dois misantropos. Segundo a *Vogue* encarnávamos o resgate da geração X. E isso acabou com a gente.

Alguns nerds da emissora resolveram perseguir nosso trabalho com análises que, em termos de prolixidade e pedantismo, ganhariam da *Encyclopaedia Britannica* com folga.

Ainda na internet, berço da democracia virtual dos meus colhões, começaram a circular boatos entre o ridículo e o inquietante. Segundo os bem-informados, Mike e eu usávamos heroína, speedball, cocaína, anfetamina. Os

roadies nos ensinavam em turnos todos os cento e um pecados de Sodoma. Durante as filmagens, um de nós dois tinha morrido (“Mike, aqui estão dizendo que você morreu.” “Aqui diz que ‘um de nós’ morreu, por que justo eu?” “Já se olhou no espelho, sócio?”).

A minha preferida, porém, era esta: havíamos engravidado uma groupie chamada Pam (já perceberam que as groupies sempre se chamam Pam?) e a obrigamos a abortar durante um ritual satânico que aprendemos com Jimmy Page.

Em março do ano seguinte, 2004, Mister Smith nos fez assinar um contrato para a segunda temporada de *Road Crew*. Tínhamos o mundo nas mãos. Depois, pouco antes de viajar para as filmagens, aconteceu uma coisa que surpreendeu a todos, a começar por mim.

Eu me apaixonei.

4.

E, estranho dizer, o mérito foi todo de “Podem me chamar de Jerry” Calhoun. Ele organizou uma projeção especial do primeiro episódio de *Road Crew*, seguida de um inevitável debate para os alunos. “Debate” cheirava a emboscada, mas Mike (que talvez esperasse vingar-se do nosso velho professor e do mundo inteiro) tinha insistido em aceitar e eu havia me limitado a segui-lo, como sempre acontecia quando Mike cismava com alguma coisa.

A criatura que abalou meu coração estava na terceira fila, semiescondida por um cara de uns cento e cinquenta quilos com olhar de Mark Chapman (um admirador da blogosfera, imaginei na hora), na temível sala 13 de Calhoun, aquela que alguns estudantes da New York Film Academy chamavam de “o Clube da Luta”.

No fim da projeção, o gordão foi o primeiro a querer dar opinião. O que ele disse em uma frase de trinta e cinco minutos pode ser resumido em: “Merda daqui, merda de lá, merda em todo lugar!”. Então, satisfeito, enxugou um fio de baba, sentou e cruzou os braços, com uma expressão de desafio naquela sua cara de pizza.

Quando eu estava prestes a vomitar sobre ele uma longa (longuíssima) série de considerações pouco educadas sobre os gordões sabichões, aconteceu o impossível.

A moça loira pediu a palavra, e Calhoun, aliviado, concedeu. Ela se levantou (era mesmo graciosa) e disse, com um fortíssimo sotaque alemão:

— Eu gostaria de saber qual é a palavra exata para “Neid”.

Desatei a rir e agradeci mentalmente a minha querida *Mutti* por sua obstinação em me ensinar sua língua materna. De repente, aquelas horas que passei autoflagelando minha língua nos dentes, aspirando vogais e arrastando os erres como se eu tivesse um ventilador entalado na boca, ganhavam todo um novo sentido.

— *Mein liebes Fräulein* — comecei enquanto me deliciava com o som parecido com brinde de fim de ano produzido pelos olhos arregalados daquela massa de estudantes animados (gordão incluído) —, *Sie sollten nicht fragen, wie wir “Neid” sagen, sondern wie wir “Idiot” sagen.*

Cara senhorita, você não deve perguntar como dizemos “inveja”, mas como dizemos “idiota”.

Chamava-se Annelise.

Tinha dezenove anos e estava nos Estados Unidos havia pouco mais de um mês para fazer um estágio. Annelise não era alemã, nem austríaca, nem suíça. Vinha de uma minúscula província no norte da Itália, em que a maior parte da população falava alemão. Trentino-Alto Ádige era o nome daquele lugar estranho.

Na noite anterior à partida para a turnê, fizemos amor enquanto ao fundo Springsteen tocava *Nebraska*, e isso me reconciliou pelo menos um pouco com o cara. A manhã seguinte foi difícil. Eu pensava que nunca mais a veria. Não foi assim. A minha doce Annelise, nascida entre os Alpes, a oito mil quilômetros da Big Apple, transformou o estágio em um visto de estudante. Sei que parece loucura, mas vocês precisam acreditar em mim. Ela me amava e eu a amava. Em 2007, enquanto Mike e eu nos preparávamos para filmar a terceira (e última, como de novo tínhamos nos prometido) temporada de *Road Crew*, em um pequeno restaurante de Hell’s Kitchen, pedi Annelise em casamento. Ela aceitou com tanto entusiasmo que, pouco virilmente, desatei em lágrimas.

O que mais eu poderia desejar?

O ano de 2008.

Porque em 2008, enquanto Mike e eu, extenuados, fazíamos uma pausa depois da estreia da terceira temporada do nosso *fuck-tual*, em um dia ameno de maio, em uma clínica de New Jersey imersa no verde, nasceu Clara, minha filha. E portanto: montanhas de fraldas perfumadas, papinhas colorindo roupas e paredes, mas sobretudo horas e horas passadas observando Clara, que

aprendia a conhecer o mundo. E como esquecer as visitas de Mike com a namorada da vez (que durava de duas a quatro semanas, com um limite máximo de um mês e meio, como no caso da Miss Julho), nas quais ele buscava de todas as maneiras ensinar a *minha* filha o nome *dele* antes que Clara conseguisse pronunciar “papai”?

No verão de 2009, conheci os pais de Annelise, Werner e Herta Mair. Não sabíamos que o “cansaço” com que Herta justificava suas tonturas e sua palidez era uma metástase em estágio muito avançado. Ela morreu poucos meses depois, perto do fim do ano. Annelise não quis que eu a acompanhasse ao funeral.

Os anos de 2010 e 2011 foram belíssimos e frustrantes. Belíssimos: Clara subindo em tudo, Clara perguntando “o que é isso?” em três línguas diferentes (a terceira, o italiano, Annelise estava ensinando inclusive a mim e eu me saía bem, era um estudante motivado por uma professora que eu achava muito sexy), Clara simplesmente crescendo. Frustrantes? Sim. Porque, depois de ter submetido a Mister Smith cerca de cem mil projetos diferentes (todos rejeitados), no fim de 2011 começamos as gravações da quarta temporada de *Road Crew*. Aquela que tínhamos jurado que nunca veria a luz do dia.

Deu tudo errado, a magia tinha se perdido e nós sabíamos. A quarta temporada de *Road Crew* foi uma longa e infeliz ladainha sobre o fim de uma época. Mas o público, como muitas gerações de redatores publicitários sabem, adora se sentir triste. A audiência foi melhor do que nas três temporadas anteriores. Até a *New Yorker* nos louvou falando da “história de um sonho acordado que se despedaça”.

Assim, Mike e eu ficamos de novo exaustos, apáticos. Deprimidos. O trabalho que considerávamos o pior da nossa carreira estava sendo aclamado inclusive por quem até pouco tempo nos tratava como doentes contagiosos. Por isso, em dezembro de 2012, aceitei a proposta de Annelise de passar alguns meses no seu vilarejo, um pontinho no mapa chamado Siebenhoch, Trentino–Alto Ádige, Itália. Longe de tudo e de todos.

Uma boa ideia.